



## RESISTÊNCIA E TRABALHO: REFLEXÕES A PARTIR DA ERGOLOGIA E DA PSICANÁLISE

Admardo B. Gomes Jr.<sup>1</sup>

DOI: 10.21583/2447-4851.rbeo.2018.v5n1.134

### Resumo

Este ensaio busca desenvolver uma crítica à ideia de que as resistências que os trabalhadores apresentam nas situações de trabalho seriam manifestação de uma tendência natural do humano em preferir a estabilidade à mudança. Defende-se, com a psicanálise e a ergologia, que a resistência é uma exigência humana de saúde contínua. A manifestação da resistência no trabalho se dá, pois, quando não há a possibilidade de vida sob a estrita heterodeterminação do trabalho. É ao resistir que o trabalhador cria e demonstra um saber investido na situação de trabalho. Mas, por outro lado, as resistências podem ser ofuscadas por imposições que ameaçam sua potência criadora, isto é, quando não há reconhecimento do saber investido pelo trabalhador em sua atividade, quando um saber idealizado lhe é imposto sufocando tanto seu desejo pelo trabalho quanto a salutar possibilidade de por ele se fazer identificar.

**Palavras chave:** Resistência. Trabalho. Saber. Identidade. Valor.

### RESISTENCIA Y TRABAJO: REFLEXIONES A PARTIR DE ERGOLOGÍA Y PSICANÁLISIS

#### Resumen

Este ensayo busca desarrollar una crítica a la idea de que las resistencias que los trabajadores presentan en las situaciones de trabajo serían manifestación de una tendencia natural de lo humano en preferir la estabilidad al cambio. Se defiende, con el psicoanálisis y la ergología que la resistencia es una exigencia humana de salud continua. La manifestación de la resistencia en el trabajo se da, pues, no hay la posibilidad de vida bajo la estricta heterodeterminación del trabajo. Es al resistir que el trabajador crea y demuestra un saber invertido en la situación de trabajo. Pero, por otro lado, las resistencias pueden ser ofuscadas por imposiciones que amenazan su potencia creadora. Es decir, cuando no hay reconocimiento del saber invertido por el trabajador en su actividad, cuando un saber

---

<sup>1</sup> Doutor em Administração. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (PPGA/DCSA/CEFET-MG). Correio eletrônico: [admardo.jr@gmail.com](mailto:admardo.jr@gmail.com).

idealizado le es impuesto sofocando tanto su deseo por el trabajo como la saludable posibilidad de por él hacerse identificarse.

**Palabras clave:** Resistencia. Trabajo. Saber. Identidad. Valor.

## RESISTANCE AND WORK: REFLECTIONS FROM ERGOLOGY AND PSYCHOANALYSIS

### Abstract

This essay seeks to develop a critique of the idea that the resistance that workers exhibit in work situations would be a manifestation of a natural tendency of the human to prefer stability to change. It is argued with psychoanalysis and ergology that resistance is a human requirement of continuous health. The manifestation of resistance at work occurs, therefore, there is no possibility of life under the strict heterodetermination of work. It is by resisting that the worker creates and demonstrates an invested knowledge in the work situation. But, on the other hand, resistance can be overshadowed by impositions that threaten its creative power. That is, when there is no recognition of the knowledge invested by the worker in his activity, when an idealized knowledge is imposed on him, suffocating both his desire for work and the salutary possibility of being identified.

**Key words:** Resistance. Job. To know. Identity. Value.

### INTRODUÇÃO

Olá, caros ouvintes...bom dia....queria hoje transitar com vocês em volta de uma palavra cara à psicanálise, mas também própria à experiência dos artistas da fome em nosso pobre país.....digo artista da fome e penso em Kafka, Franz Kanfka, vejam vocês....a palavra é esta: “resistência”....mas quem ouviu “persistência”, talvez não tenha ouvido mal.....no tratamento psicanalítico, por exemplo, diz-se que a resistência é do analista ou se diz que a transferência, fenômeno de reedição amorosa e/ou sintomática do paciente com o analista, é também uma forma de resistência.....sintoma, repetição e resistência caminham juntos.....sim, é isso, mas certa vez ouvi dizer a frase seguinte, que me impactou: “não há voo sem a resistência do ar”.....gostei da imagem; gostei de imaginar a potência produtiva dessa contra-força....dessa aparente contra-mão da liberdade de agir.....o voo, pensado assim, não se dissocia de seu oponente....o sintoma, pensado assim, não se dissocia de sua direção de cura.....e a impotência deixa de assombrar o desejo de ir mais além.....posso pensar que resisto, que insisto, que re-existo; posso pensar que, apesar do sol, da chuva e das tormentas, o tecido tênue de meus sonhos surgirá; posso pensar que cada gesto meu, atravessando a barreira do ar, esboça um desenho ético, uma escrita, um ato político, mesmo sendo imperceptível a olho nu.....posso pensar que a arte de viver, ou minha singela presença neste mundo, é uma bomba atômica na barriga do poder.....não posso nada e por nada poder posso tudo, porque posso resistir; posso dizer não; posso não fazer; posso não produzir; posso ser inútil para a roda-viva do consumo, para a roda-viva da rota instaurada para mim e apesar de mim.....penso na inutilidade da poesia e sua capacidade de resistir: “pedra dura ao luar”, diria Maria Gabriela Llansol....repito que não, digo não.....e nada me fará seguir os ponteiros de um relógio que não me quer....apenas o ócio sadio da minha desilusão, apenas a roda insensata de minha excomunhão.....nada importa, porque resisto....repito....”repetir, repetir, repetir, até ficar diferente”, dizia o poeta, Manoel de Barros, repetindo outro poeta.....resisto e repito....a resistência da arte, da poesia....de tudo aquilo que

contraria o que de mim se esperaria.....não sirvo.....a resistência tem seu valor de uso.....mas não nos enganemos....ela também resiste a esse valor.....a resistência não se presta ao uso indevido da escravidão....seja ela de direita ou esquerda; seja ela avessa ou não.....a resistência pode até resistir à resistência.....nada importa, porque a resistência irmana a nulidade das coisas, a banalidade do mal, a sacralidade do bem, a malevolência do capital em mim.....eu resisto e ponto...tu re-existes, vírgula.....e nós desconjugamos a verdade do que nunca foi: uma pátria amena, que nos jurasse uma comunhão plena.

COLUNA 80 — “RESISTÊNCIA” (para o programa Universo Literário da UFMG educativa de 6 de julho de 2017)<sup>2</sup>  
por Vania Baeta

A coluna escrita por Vania Baeta nos convida e nos inspira, neste ensaio, a associar resistência e persistência, saúde e sintoma, trabalho e liberdade. O que queremos aqui é estabelecer novas relações entre as formas de resistências sociais, os processos de transformações das situações de vida e a saúde mental no trabalho e no cotidiano das atividades da vida.

Neste ensaio nos ocuparemos do problema de compreender como podemos ampliar o conhecimento do que está em jogo nas manifestações de resistências no âmbito do trabalho, para além da ideia de que elas seriam manifestações de uma tendência natural do humano em preferir a estabilidade à mudança. Para tanto, traremos contribuições de dois campos que só recentemente têm produzido suas primeiras aproximações: a ergologia e a psicanálise.

Passaremos, propositalmente, ao largo de toda uma herança de estudos sobre o trabalho que tiveram a psicanálise como contribuição (Psicossociologia, Psicodinâmica do Trabalho, estudos sobre Psicanálise e Organizações, entre outros). A proposta de trazer as contribuições destas disciplinas nos exigiu um esforço de delinear, em cada uma delas, as apropriações e rupturas com o pensamento psicanalítico que ora nos serve de base. A orientação psicanalítica aqui trazida se alinha às produções que contemporaneamente têm sido realizadas pela Associação Mundial de Psicanálise - AMP<sup>3</sup>. O diálogo aqui proposto entre psicanálise e ergologia segue a perspectiva aberta por Gomes Júnior (2013); Gomes Júnior & Schwartz (2014a; 2014b); Gomes Júnior & Cunha (2015a; 2015b); Gomes Júnior, Cunha & Schwartz (2012).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/radio/arquivos/048022.shtml>.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://wapol.org/pt/Template.asp>

O caminho percorrido neste ensaio é iniciado com uma brevíssima localização da noção de resistência na psicanálise, na epistemologia de George Canguilhem (2009) e na Ergologia. Sendo exatamente o conceito de resistência, tal como Canguilhem (2009) o trabalha, que nos permitirá aproximar a psicanálise da ergologia. Em seguida, apresentamos elementos da crítica que a ergologia faz à naturalização da noção de resistência no campo do trabalho. Para isso, analisaremos o caso de um trabalhador no setor siderúrgico, o qual nos acompanhará em parte da defesa do argumento proposto no texto. Posteriormente, o diálogo entre a ergologia e a epistemologia de George Canguilhem (2009) sobre a vida, o meio e as normas é retomado para avançar na ideia da resistência como micro transgressão das normas em nome da saúde. E assim, voltamos ao nosso caso para mostrar como a resistência se articula à construção de um saber e de um valor subjetivo sobre o trabalho. Na quarta parte, buscamos desenvolver com a psicanálise e a ergologia, enquanto saber e valor se articulam com os processos identificatórios e com o mal-estar no trabalho. Por fim, percorremos com Leguil (2012) seu argumento de que o “suposto” saber do trabalhador quando é “exposto”, acaba por se transformar em um saber “imposto” e “oposto” ao próprio sujeito e ao trabalho. Com estas argumentações é possível levantar algumas questões e hipóteses para investigações futuras sobre as relações entre resistência, saber suposto e consciência de classe.

## **1 DO CONCEITO DE RESISTÊNCIA NA PSICANÁLISE À RESISTÊNCIA NO CAMPO DO TRABALHO**

A palavra resistência já porta sua potência, pois ela resiste e insiste em uma ampla gama de significações, uma força, sendo conceituada como ato ou efeito de resistir que se opõe aos efeitos de outra força ou à inércia; uma defesa, oposição, reação ou recusa frente a uma submissão ou a um ataque. Por analogia pensamos em reação, renitência, impedimento, insubmissão, afirmação, oposição, contraposição, contrariedade, embate, enfrentamento e luta.

Segundo Freud (1895; 1900; 1917; 1921; 1925) resistência e defesa se aproximam<sup>4</sup>. A resistência é expressa como reação defensiva ao tratamento psicanalítico. Ela aparece em forma de censura, impedindo que certos conteúdos venham à consciência. É uma resistência à lembrança, mas é, também, no trabalho da análise, a resistência à interpretação, ao sentido, aos conteúdos que devem ser encobertos para que sejam suportados. Ela é resistência a associar livremente, resistência a estabelecer associações com o que foi recalçado. Como matéria prima bruta de uma análise, ela serve tanto a seu impedimento quanto à sua possibilidade.

Enquanto impedimento aponta mais para a resistência do analista, impedindo-o de ouvir o ponto preciso de onde se arma a resistência de seu analisando. Por isso, em psicanálise, se diz que a resistência é sempre do analista. Mesmo para defesa neurótica do sintoma a resistência constitui um recurso que se ausente, em suas manhas e engenhosidade de construções, obstrui o avanço. É a ela que o analista dirige seu trabalho de forma a permitir que o analisando possa aprender a fazer algo de produtivo, segundo (e seguindo) seu desejo, com isso, que se apresenta na aparência como puro impedimento.

Este tipo de racionalidade, que perpassa a cura psicanalítica, encontra-se também na tese de George Canguilhem (2009) – O normal e o Patológico – assim como em toda sua obra erigida sobre a noção de vida. O trabalho do clínico, na perspectiva canguilhemiana, visa reestabelecer a capacidade de resistência vital. Viver, para Canguilhem (2009), é ser normativo. E ser normativo é uma atividade pela qual todo organismo biológico seleciona a partir de valores. É uma atividade valorativa que julga não apenas a partir da consciência, mas também apelando aos afetos, sensações e todo tipo de afecções possíveis. “Viver é, mesmo para uma ameba, preferir e excluir” (Canguilhem, 2009, p. 105). Ser normativo, neste contexto, não significa a regulação do comportamento realizada de fora, como em uma lógica comportamental de condicionamento reflexo. Sendo muito mais uma capacidade transitiva, de movimentar-se em funções das situações, recusando limitações e escolhendo

---

<sup>4</sup> Não é nossa intenção neste ensaio retomar em Freud as vicissitudes da noção de resistência em sua obra. Para um aprofundamento de toda “metapsicologia” desenvolvida por Freud sobre a noção de resistência sugerimos os seguintes textos de sua obra: Estudos sobre a histeria (1895); A interpretação dos sonhos (1900); Sobre a psicoterapia (1905); Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917); Uma dificuldade da psicoterapia (1917); Mais-além do princípio do prazer (1920); Psicologia das massas e análise do eu (1921); Inibição sintoma e angústia (1925).

alternativas possíveis. A vida muda constantemente sua norma e é, exatamente por isso, vida. Vê-se claramente, no centro desta noção de vida, o papel da resistência.

Mas o que tudo isso pode nos ensinar das situações de trabalho, de suas formas de organização, produção e reprodução da vida? No que concerne às situações de trabalho, como nos apresentam Efos e Schwartz (2009, p.34), as resistências são frequentemente reconhecidas como reações, mais ou menos organizadas, como as greves, as paralisações, e outras formas coletivas de manifestações, que visam provocar negociações e fazer valer reivindicações sejam salariais, de duração de jornada, de efetivos, de classificação profissional, de organização ou de ritmo de trabalho.

Os autores aqui trabalhados nos chamam a atenção para o fato de que não podemos limitar a questão das "resistências no trabalho" a estas ações reivindicativas mais dirigidas. Isso deixaria de fora uma parte muito importante da "combatividade", ou seja, da luta humana no trabalho. O que se quer questionar aqui é a própria ideia de transformação, enfatizada como um processo contínuo. Neste processo contínuo de transformação atos, gestos, palavras - aparentemente insignificantes, que nunca são objeto de publicidade e que, ao contrário, são frequentemente desvalorizados - têm a potência de subverter a ordem estabelecida construindo um trabalhador diferente. Neste ponto, os autores nos colocam a seguinte questão: "O que são essas "resistências" aninhadas no oco das atividades de trabalho e que relações elas mantêm com as transformações da vida social?" (EFROS; SCHWARTZ, 2009, p. 34, tradução nossa). Ao que acrescentaremos: e que relações podemos estabelecer com a saúde mental?

## **2 A CRÍTICA ERGOLÓGICA À NATURALIZAÇÃO DA RESISTÊNCIA**

Efos e Schwartz (2009, p. 36), nos advertem que os usos sociais do conceito de "resistência" não são nunca "neutros", pois a resistência humana inclui sempre pensar a intenção que está em jogo e o debate entre as alternativas possíveis. A intenção é sempre dotada de valores e dependerá da situação, dos objetivos e resultados esperados ou alcançados.

Podemos tomar como exemplo o relato de um engenheiro eletrônico que certa vez foi instalar um espectrômetro ótico portátil na aciaria de uma siderúrgica. Lá se depara com a resistência de um trabalhador à instalação e uso do novo equipamento. Ao buscar compreender melhor o que estava em jogo ali, soube que o trabalhador há quarenta anos cortava pequenas amostras de metal e as levava ao laboratório de química para análises qualitativas e quantitativas que orientavam a dosagem dos elementos na composição dos metais. De tanto preparar as amostras cortando metais e buscar os resultados das análises o homem desenvolveu um saber bastante singular: ele conseguia acertar a composição química dos metais em até duas casas decimais. Ele simplesmente conseguia ler o espectro da queima do metal que ocorria em seu corte na preparação das amostras. Ele fazia, de forma absolutamente tácita, o que um espectrômetro ótico faz. É um saber que não passa pela simbolização. É um saber incorporado. Seu saber era bastante admirado pelos colegas de trabalho. Isso recobria seu saber de um valor inestimável para ele. Colocar na aciaria uma máquina que realiza o que só ele realizava era, por consequência, destituí-lo de um lugar de reconhecimento e valor. Muitos passaram a dizer que ele estava resistindo ao novo, à mudança, à tecnologia, mas que isso era compreensível e inevitável, era da natureza humana.

Uma forma de desvalorizar e retirar a potência da resistência transformadora dos trabalhadores é afirmar que a natureza humana prefere a estabilidade à mudança. Este é o discurso frequentemente adotado pelas gerências no âmbito das organizações de trabalho ao implantarem mudanças e se depararem com as resistências dos trabalhadores. Eis alguns indicadores que servem às gerências para identificar as resistências operárias: o absenteísmo, os conflitos entre serviços, as baixas de produtividade, erros de qualidade, acidentes de trabalho e todo o tipo de desrespeito aos procedimentos de trabalho.

Estudos de comportamento organizacional chegam a apontar as formas de resistência mais frequentes frente às mudanças, classificando-as como “resistências abertas e imediatas”, seriam esses os protestos, greves e diminuições do ritmo de trabalho ou “resistências implícitas e proteladas”, tais como, a redução de lealdade à organização, a perda de motivação para o trabalho, o aumento dos erros e defeitos e o aumento do absenteísmo por ‘questões de saúde’ (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2012, pp.563-580). Os trabalhadores lançariam mão destes artifícios para manifestar sua tendência natural de não



querer mudar. Inúmeras maneiras gerenciais são adotadas para “tratar” estas resistências, como exemplo, ampliação das técnicas de comunicação e de informações sobre a importância das mudanças; desenvolvimento de todo tipo de formação, criação de grupos de trabalhos voltados para as mudanças e a tentativa de negociação, caso as oposições estiverem já fortemente organizadas.

O que esta forma de tratar a resistência deixa de fora, ou mesmo oculta, são as escolhas e os valores dos trabalhadores frente às imposições das gerências que lhes são desfavoráveis. Acreditar em uma resistência natural à mudança, assim como acreditar na maleabilidade natural dos seres humanos, impõe obstáculos para se pensar o que efetivamente está em jogo nas possibilidades de transformação das situações. Diferentemente de propor uma naturalização da resistência, o que Efros e Schwartz (2009) nos propõem é pensarmos as “resistências” como inerentes e constitutivas de nossas atividades humanas e de trabalho, como processos que exercemos em atividades cotidianas e que, ao contrário do que afirmam as gerências, demonstram uma constante busca por diferenciar nossas formas de viver.

### **3 A RESISTÊNCIA COMO E MICRO TRANSGRESSÕES DAS NORMAS INSTITUÍDAS E A SAÚDE**

Como nos afirma Canguilhem (2012, p. 154), o “organismo é considerado como um ser ao qual nem tudo pode ser imposto porque sua existência, como organismo, consiste em se propor, ele mesmo, às coisas, segundo algumas orientações que lhes são próprias”. O homem se faz seu meio, se compõe seu meio, diz Canguilhem. Sua saúde é sua disposição contínua em instituir novas normas de vida em oposição à degenerescência e à morte. Canguilhem (2012, p. 158), também nos afirma que “entre o vivente e o meio, a relação se estabelece como um debate, ao qual o vivente leva suas normas próprias de apreciação das situações, onde ele domina o meio e se acomoda a ele”.

A noção de vida em George Canguilhem (2012) é uma das bases da abordagem ergológica (GOMES JÚNIOR; CUNHA, 2015a). A atividade humana em seu meio de trabalho consiste não só em lidar com as normas que a situação de trabalho coloca, mas também com as próprias normas da vida que são tanto biológicas quanto sociais. O que se deduz das



afirmações de Canguilhem, sobre o vivente e seu meio, é que a pura heterodeterminação do trabalhador não existe, ela é invivível. É o que nos tem demonstrado Yves Schwartz ao longo de sua obra e em nome da *démarche* ergológica<sup>5</sup> (SCHWARTZ, 1988; 2000; SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). No trabalho há sempre, mesmo que no nível infinitesimal, debates, escolhas e decisões, pois as normas que antecedem e buscam prescrever o trabalho não podem nunca, exaustivamente, antecipar as situações concretas das atividades humanas.

Mesmo em situações em que o trabalho é extremamente controlado, heterodeterminado e normatizado, há sempre uma lacuna entre qualquer possibilidade de prescrição do trabalho e as várias maneiras de realizá-lo. Isso ocorre em função não só das múltiplas variabilidades do ambiente de trabalho, mas também das variabilidades humanas. Chamadas variabilidades industriais, as ferramentas, materiais, objetos e formas de organizar o trabalho, produzem respostas humanas individuais e coletivas variáveis, que tendem sempre à resistência, às infrações, mesmo que micro, das normas. Quanto mais potente a força coercitiva das normas, mais potencialmente criam-se resistências e condutas de infração. Assim, os autores ainda nos afirmam:

De reação defensiva, a resistência se torna potencialmente ato criador. [...] Transgredir será então produzir de outra maneira o que teria sido ordenado, desenvolver uma atividade que será em parte não conforme as regras inscritas nas normas antecedentes, recolocando em causa os valores, a legitimidade e a “racionalidade” enquadrando e organizando as atividades (EFROS; SCHWARTZ, 2009, p.40. Tradução nossa).

Transgredimos para recriar nosso meio porque somos seres cujas atividades industriais são, para nós, inerentes. Mas sabemos que nem tudo é criação e isso é o que nos mostram as manifestações de mal-estar contemporâneas com o trabalho. Para isso, retomamos neste ponto com Gomes Júnior (2013).

Por fim, Efros e Schwartz (2009, p.43), examinam o alcance político que as “micro transgressões” das atividades industriais têm para as transformações da vida no trabalho e

---

<sup>5</sup> A ergologia é uma *démarche* de apreensão e análise da atividade humana desenvolvida na Universidade de Aix-Marselha (França) em seu departamento de filosofia. Seguindo uma tradição da epistemologia francesa, notadamente na orientação de George Canguilhem, o ergológico é apreendido em oposição ao epistêmico. Se o esforço epistêmico corresponde à exigência de trabalho de construir, precisar e complexificar os conceitos, libertando-os de sua aderência local aos valores da dimensão histórica dos fenômenos, o esforço ergológico é o movimento inverso, busca aproximar os conceitos de suas aderências locais e sempre singulares para fazê-los avançar. Na ergologia o trabalho é a atividade mais frequentemente analisada. Ele implica sempre um “uso de si”, por si e pelo outro, noção que busca preservar uma dimensão sempre singular nas atividades humanas.

que estão presentes nas arbitragens realizadas pelos trabalhadores entre objetivos mais ou menos contraditórios como segurança e produtividade, velocidade e qualidade, interesses individuais e coletivos, saúde e performance, por exemplo. Presentes também na própria forma com que cada um de nós, ou cada coletivo, encontra de gerir seu meio, de arbitrar frente as contradições, de infringir normas para cumprir com seu impulso humano, de criar e recriar seu meio, colocando a todo tempo em jogo os valores de nosso horizonte civilizatório, que priorizam certo mundo a viver e desvalorizam outro.

O que os autores pretendem destacar, segundo um ponto de vista ergológico, é que nossas atividades industriais, continuamente e implicitamente, avaliam e julgam. E que estes são atos políticos que condicionam sua efetivação e quantificam valores "sem dimensão", como o bem comum, a solidariedade ou a saúde. Nas palavras dos autores:

A atividade industrial é uma confrontação permanente entre os compromissos em curso dos valores econômicos ou de mercado e os valores não mercantis, ela transgrediu as diversas áreas da vida social nisso que o sujeito que a realiza é, às vezes, um trabalhador, consumidor, responsável pela família, habitante de um lugar. Em outras palavras, os valores e contra valores se hierarquizam e se contradizem em um mesmo mundo e os valores "locais", incluindo a ordem do infinitesimal, comunicam-se com os níveis mais amplos da vida histórica e social (EFROS; SCHWARTZ, 2009, p. 44. Tradução nossa).

Atenta às mudanças operadas pela flexibilização do taylorismo ao final dos anos 1970 e aos novos modos de produção contemporâneos, a ergologia tem buscado dar visibilidade a essas formas de resistência reconhecendo nelas um "saber investido", presente como face inalienável da produção material e subjetiva em todo trabalho humano. Um saber impossível de ser submetido à metrificação e que escapa, por isso mesmo, aos processos de avaliação nos contextos de trabalho. Por outro lado, trata-se de um saber possível de ser posto em cena, não de maneira *standard*, generalista e universal, mas que aponta para o "particular" (o que é compartilhado por certo conjunto de trabalhadores em determinado tempo e espaço) e para o "singular" (o que distingue cada sujeito em seu modo de fazer com o trabalho). Ao operar nessa dimensão, a ergologia faz prevalecer a singularidade e a particularidade sobre qualquer estabelecimento de normas universais que definiriam *the one best way*, como ainda espera o rastro ineliminável do taylorismo presente nas formas "cientificizadas" de governo do trabalho humano.

Voltando a nosso exemplo do trabalhador da aciaria, é preciso dizer que aquele desenvolveu um saber fazer singular sobre o trabalho supostamente mecânico de preparar

amostras, conduzi-las à análise e acrescentar os elementos necessários à boa composição do metal. Este saber pode ser lido como uma forma de resistência à suposta banalidade da rotina de cortar pedaços de metal e conduzi-los à análise química. Seu saber fazer singular permitiu a circulação de um valor subjetivo bastante particular que o coletivo passou a atribuir-lhe. A resistência neste caso é expressa também como construção de um saber e de um valor subjetivo. Mas como se relacionam saber e valor de um ponto de um ponto de vista psíquico? E que relações isso guarda com nossa identidade e com o mal-estar no trabalho?

#### 4 O SABER INVESTIDO E O VALOR SUBJETIVO DO TRABALHO: IDENTIDADE E MAL-ESTAR

Parece-nos indiscutível o valor subjetivo que o trabalho (*stricto senso*) ocupa em nossos processos identificatórios. Um exemplo disso é como nosso nome próprio e a atividade com a qual nos ocupamos no cotidiano (nosso trabalho) estão sempre em primeiro plano quando fazemo-nos identificar. Mas a singularidade da forma com a qual opera a homologia do valor do trabalho e de nossa identificação como sujeito não pode ser apagada em nome de uma identificação *standard* ao trabalho como algo positivo, *a priori*. Há que se destacar como o valor atribuído ao “saber” é atrelado ao “fazer” por cada sujeito em sua relação com seu ofício. O valor do saber fazer atribuído a um trabalho impacta a economia do desejo e a forma como cada um goza daquilo que no trabalho realiza (LEGUIL, 2012).

Uma leitura psicanalítica sobre o que está em jogo no campo do trabalho, do ponto de vista psíquico, nos permite compreender a dimensão simbólica e imaginária do ofício e a relação de cada uma destas instâncias com o valor subjetivo do trabalho. O trabalho deve portar um ideal com o qual o sujeito possa se orientar e se valer. Este ideal apresenta, ao mesmo tempo, tanto um valor simbólico, construído e partilhado socialmente, quanto um valor imaginário, presente nas identificações que se manifestam nas formas do narcisismo e na forma mais singular de cada um gozar a vida. Estas duas dimensões de valores, simbólico e imaginário, compõem o valor subjetivo do trabalho.

François Leguil (2012), psicanalista francês, no posfácio de uma obra dedicada ao sofrimento mental no trabalho, nos afirma que uma especificidade do mal-estar

contemporâneo, no que concerne ao trabalho, surge na identificação fundamental do sujeito frente a uma crise do valor do trabalho como tal. Leguil (2012) argumenta que o valor do trabalho humano nunca é disjuncto do reconhecimento do saber fazer que a realização do trabalho comporta. O autor nos afirma que devemos estar atentos às formas atuais de destituição do saber em cada ofício.

Sabemos que o taylorismo e toda a administração científica do trabalho quiseram separar saber e fazer, pensamento e operação, parecendo tê-los cindindo de forma irreparável. Isso provocou, para além do aumento exponencial da produção e do consumo de massa, diversas manifestações de mal-estar de trabalhadores desde a primeira metade do século XX. O mal-estar no trabalho contemporâneo para Leguil (2012) é um problema que pode ser localizado nos processos identificatórios do sujeito num mundo do trabalho onde o saber fazer perde em valor.

Segundo a psicanálise, nossos processos identificatórios estão sempre ligados a certa qualidade do ambiente social no qual estamos inseridos. Nossa identificação pode tanto apontar para uma orientação de realização futura, a qual funciona como um valor, um ideal que mantém o desejo (Ideal do eu), quanto impor um valor inflexível e feroz, expondo o sujeito à precariedade e aos abalos que o fazem sofrer e comprometem a fruição do desejo em sua vida (Superego).

De forma certamente simplista, mas que atende a nossa argumentação aqui, podemos afirmar que os ideais de excelência impostos hoje nas organizações são muitas vezes bons exemplos de identificações superegóicas as quais adoecem os trabalhadores. Isso exatamente na medida em que, mais do que uma forma de ideal que manteria o desejo do trabalhador pelo trabalho, tais ideais de excelência acabam por se imporem de maneira inflexível ao sujeito comprometendo a permanência e o destino do desejo pelo trabalho como forma de resistência. Ou ainda, dito de uma forma ergológica, tais ideais de excelência impõem, de forma um tanto inflexível, um saber constituído, ou seja, um uso de si pelo outro, que impede o reconhecimento do saber investido do trabalhador na cena do trabalho a ponto de abalá-lo.

O saber fazer de um ofício sustentado como um ideal deve servir como suporte imaginário, para nutrir o narcisismo mais legítimo e singular que estrutura o modo de vida de cada um de nós. Mas não só esta satisfação narcísica deve também enlaçar o coletivo

permitindo a reciprocidade dos interesses que mantêm o laço social. Assim, o saber fazer próprio a um ofício, deve ser sustentado como ideal, deve sê-lo também naquilo que permite ao sujeito uma forma de portar seu singular modo de vida e o incluir na dimensão coletiva que o trabalho comporta.

Nesta perspectiva, a questão do mal-estar no trabalho não se restringe aos desgastes provocados por uma organização que, orientada a diminuir custos, se apropria de forma feroz da mais-valia. Para compreender tal questão devemos buscar identificar, em cada caso, como o valor do trabalho é ou não mantido pelo necessário reconhecimento que sustenta três importantes dimensões: a identificação ao trabalho, o desejo por sua continuidade e os modos de vida do trabalhador. Não resta dúvida que a expropriação desmedida da mais-valia se torna mortífera para o desejo e o modo de vida do sujeito, mas, em muitos casos, isso se dá de forma mais sutil.

Portanto, é para a própria gestão do trabalho que devemos dirigir nosso olhar. O ideal organizacional cientificista (vide as gestões por competência) conduz à crença de que o saber fazer do trabalhador não apenas pode, mas deve ser apreendido e, com isso, reduzido ao somatório de competências (comportamentais) identificáveis, quantificáveis, mensuráveis e replicáveis. Uma vez, supostamente, instrumentalizado o saber fazer, tal instrumentalização passa a orientar os processos de organização, enquadramento, avaliação, formação e recrutamento da força de trabalho (DURRIVE, 2016). Sob esse ideal, o valor do reconhecimento só recai sobre aquilo a que as malhas da ambição instrumentalista das “ciências do comportamento” reduziram o homem.

Tomado pelo mal-estar causado pela expropriação de seu saber fazer pela gestão do trabalho o empregado busca no saber médico saídas para a recuperação de sua capacidade produtiva. Mas, no lugar de reconhecer nas queixas de mal-estar do trabalhador uma identificação abalada pelo não reconhecimento do saber fazer no trabalho, o que o diagnóstico médico/psiquiátrico frequentemente faz é ofertar uma identidade de doente, de vítima do trabalho. Tanto a dimensão do saber fazer do ofício, quanto a do saber fazer com a singularidade do mal-estar, deixam de ser recuperadas como possibilidade de fazer emergir um sujeito, num uso de si que responda pelo “ideal do eu” e que não se limite a restar refém da ferocidade do “supereu”. Se aqui diferenciamos o uso de si sob a égide do supereu, de

um uso de si que responde a um ideal do eu, é porque o que está em jogo aí é precisamente o lugar reservado ao saber fazer e que aloca a relação entre o eu ideal e o ideal do eu.

## 5 RESISTÊNCIA, SABER SUPOSTO E CONSCIÊNCIA OPERÁRIA

Como nos apresenta Leguil (2012), o saber que aloca essa relação entre o eu ideal e o ideal do eu é um saber suposto. Pois, primeiramente, é importante destacar que Leguil (2012, p. 123, tradução nossa) reconhece que “o sofrimento no trabalho é o signo de uma tragédia social [...], uma figura do desamparo contemporâneo”, cujas causas não ficam restritas às situações profissionais, mas que estão no centro do que Lacan chamou de ordem simbólica, como um dos signos de perturbação da mesma. Da leitura que Leguil (2012) faz de alguns casos clínicos, ele constata que o “sofrimento no trabalho” é tomado como *un ravage*, verdadeiro estrago, dano, retorno no real frequentemente do corpo de uma dor que decorre da exclusão simbólica de uma função subjetiva, mas que, ao mesmo tempo, é tomado pelo psicanalista como uma reivindicação do sujeito, uma insurreição do ser que havia sido proscrito.

Leguil (2012) chama a atenção para como a “formação profissional” pode representar a garantia de uma possibilidade de governo do trabalho pelo saber. É ela que atrela o poder ao domínio do saber. Uma das causas do “sofrimento no trabalho”, identificadas por Leguil (2012), é que o laço entre o saber e o poder é comprometido frente aos imperativos de competitividade e riscos que a concorrência desmedida impõe. Há uma perda de poder operada no sujeito em sua relação com os saberes, que, a reboque, conduz a uma crescente opacidade em relação ao seu desejo.

O poder de gozar de um saber confere a autoridade e a possibilidade de ser reconhecido pelo outro, nos satisfaz narcisicamente, garantindo a reciprocidade dos interesses no laço social em que se ganha a vida (Leguil, 2012). Se esse é um saber que vale o reconhecimento do outro, é porque nos é suposto. No trabalho, o desejo é adquirir um saber suposto para responder à promessa de poder, de potência efetiva, de reconhecimento pelo outro. É um desejo autêntico, jamais acabado, pois há sempre algo a saber. Se nos é suposto um saber, isso mobiliza nosso desejo e dá sentido ao nosso trabalho. É um saber suposto, mas que acreditamos possuir com o reconhecimento do outro.

A leitura que Leguil (2012) faz do que está em jogo no sofrimento no trabalho, pois indica que esse saber suposto é invadido e atacado pelas tecnocracias. O que é visado aí é transformar, ao longo do tempo, o “saber exposto” pelo trabalhador em um “saber imposto” aos trabalhadores, por meio de condutas e protocolos a serem seguidos, submetendo-os ao controle dos instrumentos de avaliação. O “saber imposto”, portanto, se estabelece sob as ruínas da autoridade de um “saber suposto”. O que há de insuportável nos desajustes entre o que é prescrito fazer e o que cada um pode inventar, para se reapropriar do cumprimento do que é demandado, é a imposição de um saber.

Seguindo o jogo de palavras sobre o saber “suposto” que é “exposto” e transformado em “imposto”, o autor acrescenta que o saber, neste ponto, acaba por se tornar “oposto” ao próprio sujeito e ao trabalho.

É a dimensão da crença no trabalhador que se busca recuperar como suposição de saber. Supor um saber em alguém é depositar nele uma crença, é crer que ele detém um saber e que concede provas de possuí-lo, cotidianamente, em sua atividade de trabalho. É a dimensão do prestígio da experiência que se recupera como “[...] a suposição de um saber sobre o real da verdade que buscamos (LEGUIL, 2012, p. 126, tradução nossa)”.

## **CONCLUSÃO**

Com esse ensaio, esperamos demonstrado como a psicanálise, a epistemologia de George Canguilhem (2012) e a Ergologia avançam sobre a noção de resistência, para além de sua apreensão como uma tendência natural do humano em preferir a estabilidade à mudança. Pois, foi exatamente através do conceito de resistência que buscamos aproximar psicanálise e ergologia. Os elementos da crítica que a ergologia faz à naturalização da noção de resistência no campo do trabalho e o diálogo da ergologia com a epistemologia de George Canguilhem (2012) sobre a vida, o meio e as normas, contribuíram para avançarmos na ideia da resistência como micro transgressão das normas em nome da saúde. Com a psicanálise argumentamos como saber e valor se articulam com os processos identificatórios e como podemos tomar o mal-estar no trabalho nesta articulação: quando a suposição de saber nos trabalhadores é colonizada por um saber “exposto”, que acaba por se transformar em um saber “imposto” e “oposto” ao próprio sujeito e ao trabalho.



Contudo, ainda resta uma questão a ser debatida: não seria este o ponto de subversão, de resistência, ponto a ser recuperado nos ofícios e nas discussões políticas sobre o trabalho, exatamente a consciência de um suposto saber fazer dos trabalhadores enquanto um saber impossível de ser exposto e imposto, sob a pena de se tornar oposto ao trabalhador e ao trabalho? Neste aspecto, psicanálise e ergologia, quando tomam a questão do mal-estar no trabalho podem dar as mãos: há que se recuperar o valor atribuído ao saber fazer oculto ou suposto nas relações de trabalho. Como fazê-lo? As respostas também não são nunca *standard*. É preciso dar vazão à criatividade como forma de resistência, assim como reconhecer nas resistências suas potências criativas. Mas não só. Talvez ainda mais necessário seja recuperar a própria noção de consciência de classe como possibilidade dessa dimensão coletiva que sustenta as suposições de saberes no trabalho.

## REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2009.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

DURRIVE, L. **Compétence et activité de travail**. L' Harmattan. Paris, 2016.

EFROS, Dominique et SCHWARTZ, Yves. Résistances, transgressions et transformations : l'impossible invivable dans les situations de travail. In : **Nouvelle revue de psychosociologie**, V.1 - n° 7 p. 33-48, 2009.

GOMES JÚNIOR, Admardo Bonifácio. O uso de si e o saber fazer com o sintoma no trabalho. Tese em cotutela : Aix Marseille Université & Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

GOMES JÚNIOR, A. B.; CUNHA, D. M. Ergologia: um projeto-herança de clínicas singulares In: **Conectando Saberes: dispositivos sociais de prevenção de acidentes e doenças no trabalho**. 1 ed. Belo Horizonte : Fabrefactum, 2015a, p. 431-460.

GOMES JÚNIOR, A. B.; CUNHA, D. M. O sintoma no trabalho: uma disfunção ou uma invenção?. In : **Laboreal** (Porto. Online). , v.XI, p.53 - 62, 2015b.

GOMES JÚNIOR, A. B.; CUNHA, D. M.; SCHWARTZ, Y. Saber e trabalho na vida secreta das palavras. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. v.41-42, p.41 - 53, 2012.

GOMES JÚNIOR, A. B.; SCHWARTZ, Y. Psicologia, saúde e trabalho: da experiência aos conceitos. **Psicologia em Estudo**, v.19, p.345 - 351, 2014a.

GOMES JÚNIOR, A. B.; SCHWARTZ, Y. La norme versant social, la norme versant psychique In: **Pratiques psychologiques, pratiques citoyennes**: engagement, aliénation et lien social. Paris : Editions IN PRESS, 2014b.

LEGUIL, François. Postface. **Souffrances au travail**: rencontres avec des Psychanalystes. Paris: Association Souffrances Au Travail, 2012.

ODDONE, Ivar; RE, Alessandra; BRIANTE, Gianni. **Redécouvrir l'expérience ouvrière**. Paris: Editions Sociales, 1981.

ROBBINS, Stephen P.; JUDGE, Timothy A.; e SOBRAL, Filipe. **Comportamento Organizacional: Teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Pearson, 2012.

SCHWARTZ, Yves. **Experience et connaissance du travail**. Paris: Messidor, 1988.

SCHWARTZ, Yves. **Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe**. Paris: Ed. Octares, 2000.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). **Trabalho e ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

Recebido em : 26.01.2018

Aprovado em : 04.06.2018